

**ASPECTOS GENÉRICOS DA DÊIXIS:
O CASO DOS PRONOMES YOU E WE EM INGLÊS**

Helen de Andrade Abreu
helendeandrade@gmail.com

Lilian Ferrari
ferrari@west.com.br e lilianferrari@uol.com.br

1. Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo os pronomes *you* e *we* da língua inglesa. Em especial, enfoca o uso dêitico não-prototípico desses dois pronomes.

A pesquisa adota a perspectiva da linguística cognitiva, e mais especificamente, da teoria dos espaços mentais, desenvolvida por Fauconnier (1994, 1997). A investigação, ainda, parte da visão cognitivista de Sofia Marmaridou (2000, p. 65-116) sobre a dêixis, na qual a autora analisa a utilização dos pronomes *we* e *you*, caracterizando a ocorrência desses dêiticos como mais ou menos prototípica, a partir de exemplos usuais do inglês.

A inovação deste trabalho está na busca de refinamento da proposta de Marmaridou, com o objetivo de incluir usos não descritos pela autora. Outra inovação se baseia no fato de que o *corpus* utilizado reflete o uso real da língua, reunindo dados da revista americana *Time*, acessível no endereço eletrônico <http://corpus.byu.edu/time/>.

2. Modelos cognitivos idealizados

Lakoff (1987) desenvolveu o conceito de modelo cognitivo idealizado (MCI), para designar estruturas de conhecimento compartilhadas pela sociedade que amparam o raciocínio humano.

Segundo Lakoff, uma importante característica dos MCI é a de possuir efeitos prototípicos, ou seja, uma determinada entidade (ou evento) no mundo pode apresentar características que se aproximam ou se afastam de um MCI. Por exemplo, considerando-se que o MCI de *mãe*, abriga conhecimentos relativos a gestação, amamentação e criação as mães existentes no mundo podem ser prototípicas, por se adequarem a todos esses fatores, ou menos prototípicas, por refletirem apenas um ou

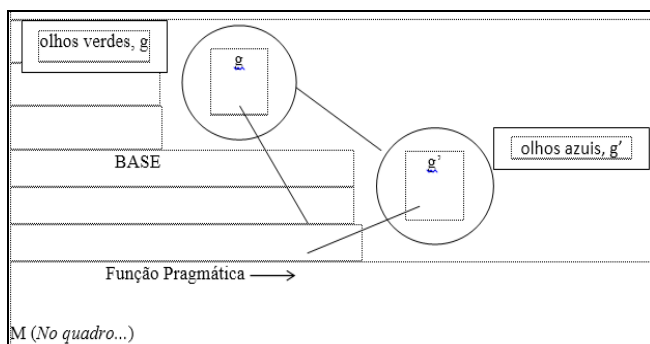
dois aspectos que compõem o modelo idealizado (ex.: mãe de leite, mãe adotiva etc.)

A noção de MCI é importante para o presente trabalho, pois, como veremos adiante, o uso dos pronomes *you* e *we* aproxima-se ou afasta-se do uso prototípico dos dêiticos.

3. A teoria dos espaços mentais

A teoria dos espaços mentais, desenvolvida por Fauconnier (1994, 1997), pressupõe que espaços mentais vão sendo criados pelo falante à medida que o discurso é desenvolvido. O espaço do qual parte o discurso, e que contém o falante, o(s) ouvinte(s), sua localização e momento de fala, é o *espaço base*.

A partir do espaço base, outros espaços são criados, conforme o falante discorre sobre passado, futuro, outros locais e situações imaginadas, entre outras possibilidades. Esses espaços são ativados, à medida que o discurso acontece, por *construtores de espaços mentais* (*space builders*), que podem ocorrer sob a forma de sintagmas preposicionais, adverbiais, etc. No exemplo, retirado de Ferrari (2011, p. 111) “No quadro, a garota de olhos verdes tem olhos azuis”, o sintagma preposicional “no quadro” é o construtor de espaço mental, como podemos ver na figura abaixo:

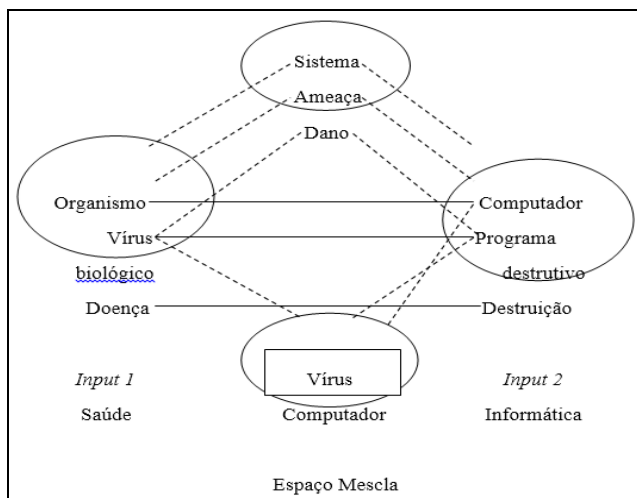


Uma vez que o espaço mental é ativado, o ouvinte compreende que a garota tem olhos verdes no mundo real (espaço base), mas no quadro foi representada como tendo olhos azuis.

3.1. Projeção entre domínios e mesclagem

O conceito de projeção entre domínios, também desenvolvido por Fauconnier (1997) é essencial para a teoria dos espaços mentais. Através dessa projeção, fazemos analogias entre diferentes espaços mentais, o que possibilita que interlocutores compreendam se o enunciado, e qual parte dele, refere-se ao espaço base e a outros espaços criados no discurso.

Um dos efeitos da projeção entre domínios é a *mesclagem*. A mesclagem, como o próprio nome diz, é o processo em que elementos de dois espaços mentais (espaços de *input*) são projetados em um outro espaço em que esses elementos podem ser reunidos, ou fundidos (espaço mescla). Esse último caso pode ser ilustrado pelo termo “vírus de computador”, discutido por Fauconnier (1997, p. 18-19), como ilustra a figura abaixo.



O diagrama acima ilustra a ocorrência de projeções entre os domínios da “saúde” e da “informática”, de modo que o elemento “vírus” do Input 1 estabelece uma correspondência com o elemento “programa destrutivo” do Input 2. No espaço mescla, ambos os elementos são mesclados, e o “programa destrutivo” passa a ser concebido como “vírus”.

A noção de mesclagem tem se mostrado relevante não apenas para explicar o surgimento de compostos nominais, como no exemplo acima, mas também a polissemia de itens lexicais e/ou elementos gramati-

cais, como é o caso dos dêiticos não-prototípicos enfocados no presente trabalho.

4. A dêixis

O conceito de dêixis é central para este trabalho. Este é um termo de origem grega que significa “apontar” e define termos utilizados, principalmente, para indicar algo e sua localização no espaço, tempo, e discurso. Exemplos clássicos de dêixis são os pronomes pessoais (ex.: *I, you* e *we* do inglês, que indicam papéis diferentes na cena comunicativa), e as expressões de tempo e lugar (ex.: *here, today* etc.), além de marcadores discursivos (ex.: “in the next paragraph”).

No caso dos pronomes pessoais, os usos prototípicos são: a) o *I*, indicação de primeira pessoa da forma singular, referindo-se ao falante; b) *you*, indicando segunda pessoa tanto da forma singular quanto plural, referindo-se ao(s) ouvinte(s); e c) *we* indicando primeira pessoa do plural, referindo-se a falante e ouvinte(s) (YULE, 1996, p. 10-11). Assim, o Modelo Cognitivo Idealizado da dêixis envolve um falante que aponta para uma determinada entidade no espaço, mostrando-a ao Ouvinte, cuja atenção passa a ser direcionada para essa entidade.

4.1. Usos não prototípicos da dêixis

Marmaridou (2000, p. 65-116) parte da visão tradicional da Dêixis para demonstrar que os pronomes *we* e *you* podem ser utilizados de forma mais ou menos prototípica conforme o caso. A autora utilizou exemplos criados para analisar o uso dêitico destes pronomes.

Segundo Marmaridou, os usos genéricos dos pronomes *you* e *we* demonstram graus intermediários de impessoalidade, o que faz com que não possam simplesmente ser substituídos por outras palavras que denotam impessoalidade, como *people*, sem perda de significado. Dessa forma, a autora apresenta a ideia de que a dêixis pessoal é uma categoria gradiente.

A relevância do presente trabalho baseia-se no fato de ter como objetivo a investigação específica do uso genérico dos dêiticos *we* e *you* do inglês, fazendo uma comparação entre os dois e procurando a motivação que leva o falante nativo a utilizar ora um, ora outro destes pronomes. Para tal, o contraste será estabelecido a partir de exemplos atestados

no corpus utilizado na pesquisa.

5. Metodologia

A análise baseia-se no corpus da revista *Time* encontrado em <<http://corpus.byu.edu/time>>. Enfocam-se dados do período de 2000 a 2006.

O objeto de estudo é o uso genérico dos pronomes *we* e *you* em inglês, exemplificados a seguir:

(1) “Winding down is tantamount to failure. (...) I think *we* do that if *we* haven't accomplished what *we* want or if our dreams have escaped us.” (“Diminuir o ritmo é equivalente a fracassar. (...) Eu acho que *nós* fazemos isso se *nós* não tivermos alcançado o que *nós* queremos ou se nossos sonhos tiverem dado errado.”)

(2) ““When *you* are little, *you* don't want people to know *you* are in the system, that *you* got taken away from your mother”, says Homer”. (“Quando *você* é pequeno, *você* não quer que as pessoas saibam que *você* está no sistema, que *você* foi tirado da sua mãe”, diz Homer”).)

Os objetivos da pesquisa são os seguintes:

(1) Descrever a polissemia dos pronomes *we* e *you* em inglês, caracterizando os usos genéricos em relação aos usos prototípicos.

(2) Explicar os mecanismos cognitivos subjacentes aos usos genéricos identificados.

Associadas aos objetivos acima, postulamos as seguintes hipóteses:

(1') Os pronomes genéricos *we* e *you* afastam-se dos usos prototípicos desses pronomes, por ativarem projeções entre domínios cognitivos.

(2') Os usos genéricos não-prototípicos estão associados a processos de mesclagem conceptual.

6. Análise de dados

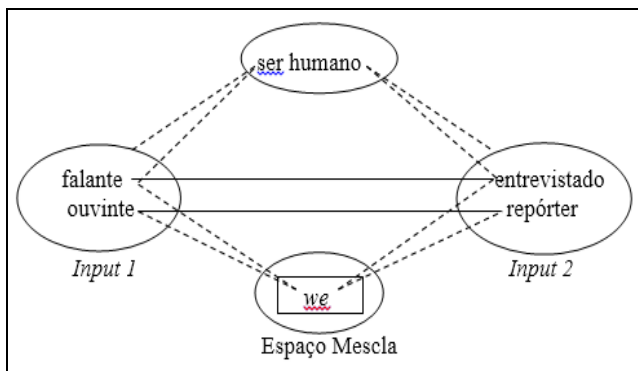
6.1. Uso do pronome *we*

Os dados coletados até o presente momento apontam para a existência de diferentes categorias para o uso do dêitico *we*, como veremos a seguir.

1a. Uso prototípico (falante + ouvinte)

“Can *we* talk about something else, please?” (“*Nós* podemos falar sobre outra coisa, por favor?”)

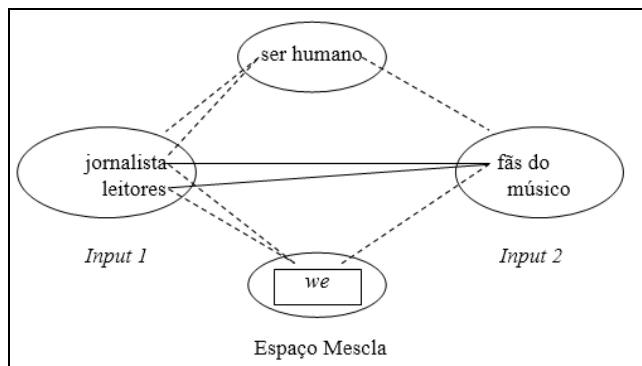
Nesse caso, falante e ouvinte estão incluídos, conforme o uso prototípico do dêitico *we*.



2a. Uso inclusivo específico (falante + ouvinte + outras pessoas)

“He scored in our hearts and minds, and he scored some of the world's greatest music. *We* will all miss the gentle genius of this giant.” (“Ele tocou os nossos corações e mentes, e ele tocou algumas das melhores músicas do mundo. Todos *nós* sentiremos falta da gentil genialidade desse gigante.”)

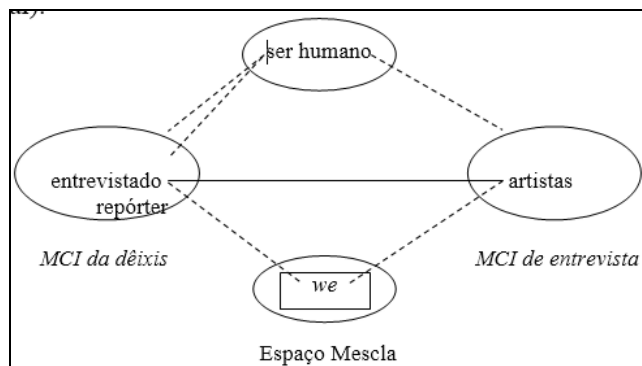
Embora esse uso do dêitico *we* seja inclusivo (falante mais ouvinte(s)), ele também inclui outras pessoas que formam um grupo específico, ou seja, o de fãs do músico falecido. O *we*, nesse caso, se refere a todos os fãs do músico falecido, incluindo o falante e o ouvinte.



3a. Uso exclusivo (falante + outras pessoas, excluindo o(s) ouvinte(s))

“As artists, that's what *we* do. *We* live to create art. If *we*'re not going to finish it, what's the point?” (“Como artistas, isso é o que *nós* fazemos. *Nós* vivemos para criar arte. Se *nós* não formos terminá-la, de que adianta?”)

Esse uso do dêitico *we* exclui o ouvinte, referindo-se ao falante e a um grupo de pessoas do qual o falante participa (nesse caso, artistas em geral).

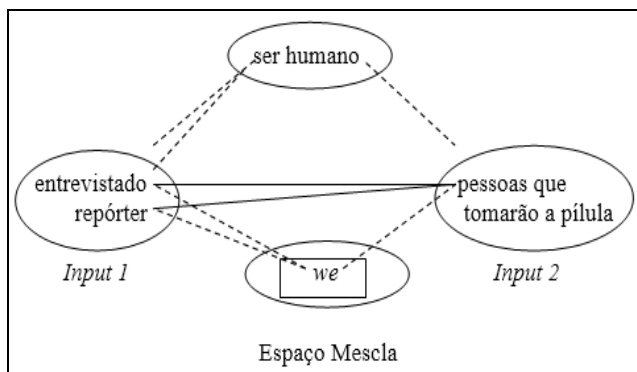


4a. Uso genérico exclusivo (pessoas em geral, excluindo opcionalmente interlocutores)

“‘Chances are very strong,’ he says, ‘that before the end of the next century, *we*’ll take a pill that will make our skin look a lot better.’” (“‘As chances são muito grandes’, ele diz, ‘de que antes do final do pró-

ximo século, *nós* tomaremos uma pílula que fará nossa pele parecer muito melhor.”)

Esse é o uso do pronome *we* que mais se afasta do uso prototípico da dêixis, pois se refere a pessoas em geral, podendo ser substituído pela palavra *people*. É interessante notar que o uso exclui tanto falante quanto ouvinte, já que ambos não farão parte do futuro referido. O que une falante e ouvinte sob o pronome *we*, nesse caso, é a condição de fazerem parte da humanidade.



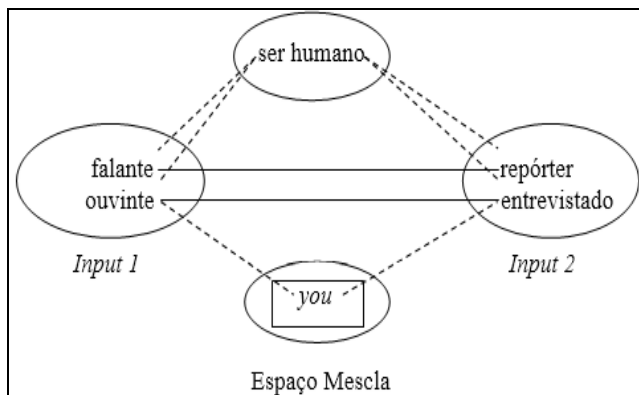
6.2. Uso do pronome *you*

Os dados apontam para a existência de pelo menos quatro diferentes usos dêicticos do pronome *you*, conforme expostos a seguir.

1b. Uso prototípico (ouvinte(s))

“As this movie’s writer and co-star and a first-time director, how nervous were *you* that *you* would crash and burn?” (“Como roteirista e coestrela desse filme, e diretor pela primeira vez, o quanto *você* estava nervoso de que *você* fracassaria?”)

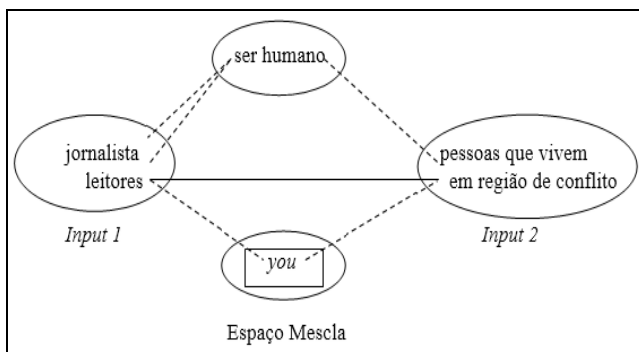
Esse é o uso prototípico do dêitico *you*, no qual o pronome se refere ao ouvinte



2b. Uso semigênérico (grupo de pessoas)

“The answer is that *you* will take security wherever *you* can get it.” (“A resposta é que *você* vai procurar segurança onde quer que *você* a encontre”.)

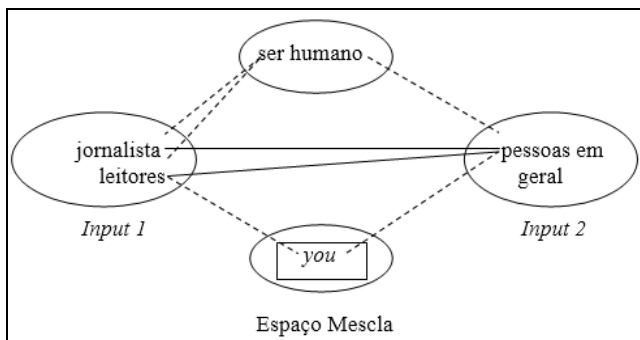
Esse caso é muito semelhante ao número 4a, podendo até mesmo ser substituído pelo dêitico *we*, assim como pela palavra *people*, dependendo do contexto. Nesse exemplo, o falante pode não estar se referindo a si mesmo ou ao ouvinte, mas apenas ao grupo de pessoas que vivem em regiões de conflito.



3b. Uso genérico (ouvinte + pessoas em geral)

“*You*’ve got to give the man credit for insisting on working only with A-list talent.” (“*Você* tem que dar ao homem crédito por insistir em trabalhar apenas com talento classe A.”)

Nesse caso, o *you* está sendo usado de forma realmente genérica. Pode ser substituído por *we* ou por *people* sem problemas para a compreensão da frase.

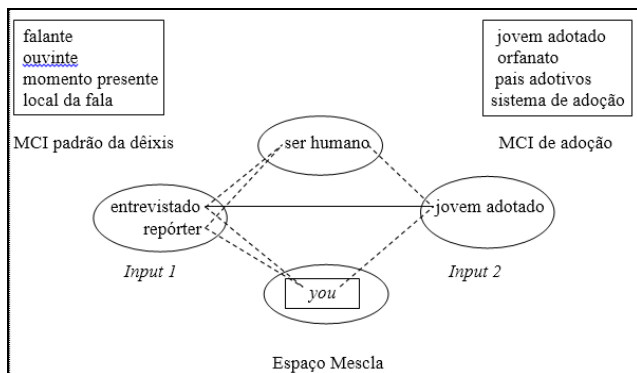


4b. Uso pseudoexclusivo (falante + ouvinte(s) + grupo de pessoas)

“When *you* are little, *you* don't want people to know *you* are in the system, that *you* got taken away from your mother,” says Homer.” (“Quando *você* é pequeno, *você* não quer que as pessoas saibam que *você* está no sistema, que *você* foi tirado da sua mãe”, diz Homer)”)

Esse é o caso que mais se afasta do uso prototípico do dêitico *you*. Nesse exemplo, o falante não se refere ao ouvinte, e sim a si mesmo. É o falante que está na situação a que ele se refere utilizando o pronome *you*.

O falante, nesta situação, poderia utilizar o pronome *we* para referir-se a si mesmo e outros jovens em situação semelhante. No entanto, o pronome *you* é utilizado, segundo Rubba (1996, p. 249), em situações normativas. Ao utilizar o pronome *you*, o falante expressa a ideia de modelo normativo. No exemplo acima, o falante descreve uma situação que é a norma esperada em casos semelhantes.



7. Considerações finais

Esse trabalho analisou diferentes usos dos pronomes *you* e *we*, conforme se aproximam ou se afastam do MCI da dêixis. O detalhamento das características semântico-pragmáticas desses pronomes lança luz sobre diferenças e/ou sobreposições de sentido observadas no uso, a partir do referencial da teoria dos espaços mentais e dos estudos cognitivistas sobre o fenômeno em português (FERREIRA & FERRARI, 2006; ANUNCIACÃO & FERRARI, 2009; FONTES & FERRARI, 2010) e inglês (MARMARIDOU, 2000, p. 65-116).

Essa pesquisa encontra-se ainda em seus estágios iniciais. No entanto, esperamos que esse trabalho possa contribuir para uma maior compreensão do fenômeno da dêixis na língua inglesa, em especial para os estudantes de inglês como segunda língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Mappings in Thoughts and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____; TURNER, Mark. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Con-

texto, 2011.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

MARMARIDOU, Sophia S. A. *Pragmatic Meaning and Cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.

YULE, George. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 1996.